

**Dos epitáfios às catacumbas:
Uma história comparada dos rituais fúnebres na Antiguidade.**

João Oliveira Ramos Neto¹

Resumo: Este artigo compara os rituais fúnebres que eram praticados pelos primeiros cristãos em Roma com os que eram praticados pelos romanos denominados pejorativamente de pagãos, nos três primeiros séculos da nossa era. Para isso, numa perspectiva da História Comparada, analisaremos predominantemente as informações da obra do historiador Henri Daniel-Rops (2008) com as informações das obras dos historiadores Fustel de Coulanges (1975) e Paul Veyne (2009).

Palavras-Chave: Cristianismo Primitivo, Roma Antiga, História Comparada, Catacumba e Epitáfio.

Abstract: This paper compares the rituals that were practiced by early Christians in Rome that were practiced by the Romans called pejoratively of pagans in the first three centuries of common age. For this, a perspective of comparative history, analyze the information predominantly from the work of historian Henri Daniel-Rops (2008) with information from the works of historians Fustel de Coulanges (1975) and Paul Veyne (2009).

Keywords: Early Christianity, Ancient Rome, Comparative History, Catacomb and Epitaph.

Ao tratarmos de ritual fúnebre entre os primeiros cristãos em Roma, somos arremetidos ao estudo das catacumbas. Este, o estudo das catacumbas cristãs, por sua vez, é um tema recorrente no estudo do Cristianismo Primitivo e da Antiguidade. Escrevendo sobre elas, Benjamin Scott inicialmente explica a presença dos primeiros cristãos em Roma:

O cristianismo, nascido na Judéia, muito breve chegou a Roma, a metrópole do mundo. É desconhecido o tempo exato da sua chegada lá [...] Seja como for, está bem claro que havia cristãos em Roma durante o reinado de Cláudio

¹ Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Goiás e mestre em História Comparada (PPGHC) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: joaooliveiramosneto@gmail.com.

ou cerca do ano 52 da nossa era, isto é, dentro de vinte e cinco anos depois da morte de Cristo. (Scott, 1923:65).

O problema é que os primeiros cristãos, até o Édito de Milão outorgado pelo imperador Constantino em 313, sofreram muitas perseguições por parte dos imperadores romanos. Tais perseguições levaram, por parte dos estudiosos posteriores, a uma associação das catacumbas com a idéia de que era o local que os primeiros cristãos usavam para praticarem seus cultos escondidos das autoridades. Scott afirma:

As catacumbas eram usadas [...] para refúgio nas tempestades da perseguição, que começando mais ou menos no tempo de Nero, contra os primeiros seguidores de Cristo, continuou, com pequenos intervalos, durante os três primeiros séculos [...] Durante todo aquele longo período, estas cavernas e galerias foram usadas como lugares de sepultura de cristãos romanos, muitos dos quais ali também residiam durante o período em que a fé em Cristo era [...] perseguida. (Scott, 1923:78).

Ou seja, por muito tempo, pensou-se que as catacumbas cristãs romanas eram locais de sepultura e onde os primeiros cristãos realizavam cultos escondidos para escapar das autoridades. Essa motivação vem sendo questionada por pesquisadores mais recentes. Conforme Reimer e González, abaixo citados, percebe-se que as catacumbas eram locais de sepultamento e culto, mas este último era realizado ali, não por fuga, mas pelo significado religioso que tinham. Assim, primeiramente é González quem define as catacumbas:

Outro dos costumes que aparece desde muito cedo era celebrar a comunhão nos lugares onde estavam sepultados os fiéis já falecidos. Esta era a função das catacumbas. Alguns autores dramatizaram a 'igreja das catacumbas', dando a entender que estas eram lugares secretos em que os cristãos se reuniam para celebrar seus cultos escondidos das autoridades. Isto é um exagero. Na realidade as catacumbas eram cemitérios e sua existência era conhecida pelas autoridades, pois não eram só os cristãos que tinham tais cemitérios subterrâneos. Mesmo que em algumas ocasiões os cristãos tenham utilizados algumas das catacumbas para se esconder dos seus perseguidores, a razão pela qual se reuniam nelas era que ali estavam enterrados os heróis da fé, e os cristãos criam que a comunhão os unia, não só entre si e com Jesus Cristo, mas também com seus antepassados na fé. Isto era particularmente certo no caso dos mártires, pois pelo menos a partir do século segundo existia o costume de se reunir junto a suas tumbas no aniversário de sua morte para celebrar a comunhão. Esta é a origem da celebração das festas dos santos, que em geral se referiam, não aos seus natalícios, mas sim às datas de seus martírios. (González, 1995:152).

Some-se com a informação de Ivone Reimer:

As catacumbas eram necrotérios judaico-cristãos subterrâneos públicos. O termo começou a ser usado em 1611, quando uma escavação na Igreja de São Sebastião, em forma de cruz ao sul de Roma, na Via Ápia, revela um necrotério com aproximadamente 174 mil corpos do decorrer do século II. O termo catacumba significa 'sob a cruz'. Pela lei romana, o território do cemitério era declarado religioso, sendo que sua violação era considerada crime. Talvez por isso possamos compreender porque as catacumbas continuam razoavelmente bem preservadas e porque se acredita que elas também serviam de lugar para que pessoas judaico-cristãs realizassem celebrações e reuniões clandestinas, visto que a religião cristã era oficialmente proibida até o Édito de Milão de 313. A partir de então, no século IV, a Igreja passa a sepultar seus mortos na superfície e dentro das igrejas, o que vale para as pessoas importantes da elite eclesiástico-social. [...] Em Roma, encontram-se entre 35-60 catacumbas, concentradas na Via Ápia. A mais antiga deve ser a de São Calixto, construída em torno do ano 200. Além dessa, as principais são a de Domitila, São Sebastião, Pretestato, Priscila. (Reimer, 2010:35).

Se Ivone Reimer informa que o termo começou a ser usado em 1611, quando das escavações na Igreja de São Sebastião, Jean Delumeau informa que o termo popularizou em 1854, pelo romance 'Fabíola', publicado pelo cardeal Wiseman. (Delumeau, 2000:85). Delumeau também define as catacumbas: "As catacumbas de Roma eram cemitérios conhecidos de todos, cavados numa pedra macia, freqüentemente tufo, no exterior da muralha urbana, nas vias que conduzem à cidade" (Delumeau, 2000:85).

Delumeau também concorda com González quando informa que, primeiramente, as catacumbas foram destinadas a serem cemitérios e não locais de culto e, posteriormente, os cultos aconteceram, não porque os cristãos estavam sendo perseguidos, mas porque celebrava-se o culto sobre os mártires:

Portanto, nada destinava as catacumbas cristãs a se tornarem locais de culto. As celebrações culturais vistas atualmente datam da época posterior às perseguições e só foram realizadas depois da 'Paz da Igreja' de 313. Elas se explicam pelo culto que se começou a prestar aos mártires enterrados nas catacumbas; mas, é claro, nem todos os mártires estão sepultados lá. (Delumeau, 2000:85).

E os ditos pagãos?

Inicialmente, ao contrário dos primeiros cristãos, conforme demonstrou Paul Veyne, os denominados pagãos romanos tinham o costume de sepultar os seus mortos em tumbas ao lado das estradas que levavam à cidade, valorizando prioritariamente a confecção de epitáfios que tinham o objetivo de serem públicos:

Era ali, na saída das cidades, que se erguiam os túmulos. Tão logo cruzava a porta da cidade, o viajante passava entre duas fileiras de sepulturas que procuravam chamar-lhe a atenção. A tumba não se dirige à família, ou aos próximos, mas a todos. Pois a cova, embaixo da terra, era uma coisa, objeto de homenagens fúnebres que a família anualmente prestava ao defunto; a tumba com epitáfio era outra coisa: destinava-se aos passantes. (Veyne, 2009:155).

O fato dos cristãos passarem a cultuar onde estavam sepultados os seus mártires demonstra uma grande consideração em certo ponto parecido com os ditos pagãos, pois sobre eles, Fustel de Coulanges informa:

Os mortos eram considerados criaturas sagradas. Os antigos davam-lhes os epítetos mais venerados que encontravam no seu vocabulário; chamavam-nos bons, santos, bem-aventurados. Dedicavam-lhes quanta veneração o homem pode dedicar à divindade que ama ou teme. Para o seu pensamento, cada morto era um deus. (Fustel de Coulanges, 1975:17).

Mas, se para os primeiros cristãos, havia a figura do mártir, que o tornava distinto dos demais, para os ditos pagãos, segundo Fustel de Coulanges, todos, depois da morte, tinham igual consideração:

Esta espécie de apoteose não era apanágio dos grandes homens; entre os mortos não havia distinção de pessoas. [...] Não era necessário ter sido homem virtuoso; tanto era deus o mau como o homem de bem; somente o mau continuaria na sua segunda existência com todas as suas más inclinações já reveladas durante a sua primeira vida. (Fustel de Coulanges, 1975:17).

A realidade da morte

Conforme Paul Veyne, a idéia da transcendência após a morte nem sempre foi um assunto que interessou às religiões: “O paganismo greco-romano é uma religião sem além nem salvação” (Veyne, 2009:188). Inegável, porém, é que, ao longo do tempo, as religiões predominantemente elaboraram discursos com uma proposta de um significado transcendente para o fim da vida. Dessa forma, é comum que, na atualidade, as religiões vejam a morte não como um fim, mas como uma passagem, para outra dimensão. Entre religiões que adotam tal concepção está o cristianismo. No entanto, para Paul Veyne, esta concepção não era compartilhada pelos ditos pagãos romanos:

Como livrar o indivíduo das inquietações da existência? As diferentes sabedorias, a que chamados filosofia antiga, não se propunham em princípio outro objetivo, e a religião, por sua vez, não procurava outra coisa, pois geralmente não visava à salvação do além. Esse além era muitas vezes negado ou concebido tão vagamente que não passava da tranquilidade da tumba, do repouso da morte. Filosofia, devoção e além suscitavam poucas angústias. Não é tudo: as respectivas fronteiras desses três domínios eram tão diferentes das que possuem entre nós que essas três palavras não tinham o mesmo sentido de hoje. Quem somos? Que devo fazer? Para onde vamos e o que posso esperar? Essas questões modernas nada têm de natural. Nem o pensamento nem a devoção antigos as colocavam; elas nasceram da reposta cristã. O problema antigos e suas subdivisões eram diferentes. (Veyne, 2009:187).

Além disso, é também papel das religiões elaborarem uma explicação, geralmente em forma de mito, para o fato dos homens não viverem para sempre. Não era diferente entre os judeus e os primeiros cristãos. Os primeiros cristãos, como os demais, concordaram com os judeus em relação à explicação mítica oferecida pela Torah, seu livro sagrado. Segundo o relato judeu, Deus criou um casal de humanos, o colocou em um paraíso, mas ordenou que não comessem um determinado fruto. A morte, portanto, foi o castigo dado por Deus pelo fato da primeira mulher ter desobedecido ao mandamento divino e comido do fruto.

Este relato encontra-se em Gênesis, primeiro livro da Torah e da Bíblia, capítulo 3. Os cristãos concordaram com o relato judaico e, assim, o estudioso do tema encontra nas palavras do Novo Testamento que “o salário do pecado é a morte” (Rm 3,23). Mas Daniel-Rops se preocupa em lembrar o leitor que isso não fazia do cristão uma pessoa fatalista ou conformada com a morte. Pelo contrário. Ele lista as precauções que um bom religioso deveria ter contra a ameaça da morte: “em muitos lugares a Bíblia afirmava que cabia ao homem lutar contra a morte, vencendo a doença caso fosse possível e tomando todas as precauções contra ela” (Daniel-Rops, 2008:364). Por isso, tratar uma doença era uma obrigação religiosa. Daí os primeiros cristãos terem redigido tantos relatos de experiências de cura experimentados pelos seguidores do Cristo taumaturgo.

Um destes relatos, por exemplo, nos mostra que os primeiros cristãos já desfrutavam da presença de médicos entre eles. Isso demonstra o interesse em lutar contra a morte. Em Marcos 5,22-29, lemos:

E eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome Jairo, e, vendo-o, prostrou-se aos seus pés, e rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos, para que sare, e viva. E foi com ele, e seguia-o uma grande multidão, que o apertava. E certa mulher que, havia doze anos, tinha um fluxo de sangue, e *que havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior*; ouvindo falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou na sua veste. Porque dizia: Se tão-somente tocar nas suas vestes, sararei. E logo se lhe secou a fonte do seu sangue; e sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal. [grifo nosso].

Mas Daniel-Rops chama a atenção para um detalhe importante: os médicos não eram bem vistos pelas pessoas daquela época. (Daniel-Hops, 2008:371). Daí o autor do evangelho de Marcos ter salientado a incompetência dos médicos de forma bem enfática, já que a mulher, para ele, só encontrou a cura da sua doença de forma sobrenatural: “havia padecido muito com muitos médicos, e *despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior*”. O mesmo relato, quando narrado no quarto evangelho, não é tão enfático na suposta extorsão médica, tendo em vista que seu autor, Lucas, também era um médico. Conforme lemos em Lucas 10,43-44, suas palavras são mais sutis:

E uma mulher, que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos, e gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada, chegando por detrás dele, tocou na orla do seu vestido, e logo estancou o fluxo do seu sangue.

Para Fustel de Coulanges, porém, tal concepção judaico-cristã de morte é bastante diferente daquela que encontramos entre os ditos pagãos romanos: “Acreditou-se mesmo, por muito tempo, que nesta segunda existência a alma continuava unida ao corpo. Nascida com o corpo, a morte não os separava; alma e corpo encerravam-se no mesmo túmulo.” (Fustel de Coulanges, 1975:11). E ainda:

Os ritos fúnebres mostram-nos claramente como, quando se colocava um corpo na sepultura, se acreditava que, ao mesmo tempo, se metia lá alguma coisa com vida. (...) na antigüidade cria-se tão firmemente que um homem ali vivia sepultado que nunca se deixava de, juntamente com o homem, enterrar os objetos que supunham ser-lhe necessários, como vestidos, vasos e armas. Derramava-se vinho sobre a sepultura para lhe mitigar a sede; deixavam-lhe alimentos para saciar-lhe a fome. Degolavam-se cavalos e escravos, pensando que essas criaturas encerradas com o morto, o serviriam na sepultura, como o haviam feito durante a vida. (Fustel de Coulanges, 1975:12).

Por fim:

Desta crença primitiva surgiu a necessidade do sepultamento. Para a alma poder fixar-se na morada subterrânea destinada a esta segunda vida, era necessário, igualmente, que o corpo, ao qual a lama permanecia legada, fosse coberto de terra. A alma que não possuísse sua sepultura, não tinha morada, e permanecia errante. Em vão aspiraria repouso que amava, depois das agitações e dos trabalhos desta vida; permanecia condenada a errar sempre, sobre forma de larva ou de fantasmas, sem jamais se deter, sem jamais receber as oferendas e os alimentos de que tanto necessitava. Desgraçada, logo essa alma se tornaria perversa. Atormentaria então os vivos, provocando-lhes doenças, destruindo-lhes as searas, assustando-os com aparições lúgubres, para deste modo os advertir de que tanto o seu corpo como ela própria desejavam sepultura. E daí veio-nos as crenças nas almas do outro mundo. Toda a antiguidade via-se persuadida de que, sem sepultura, a alma vivia desgraçada e que tão-só pelo seu enterramento adquiria a felicidade para todo o sempre. Não era pela ostentação da dor que se oficiavam as pompas fúnebres, mas para repouso e felicidade da alma do morto. (Fustel de Coulanges, 1975:13).

Aqui é interessante um destaque: entre os quatro evangelistas bíblicos, Marcos, que escreve para conquistar a adesão dos pagãos romanos para o cristianismo, enquanto descreve os milagres que Jesus teria realizado, dá maior ênfase às curas e não relaciona entre eles as ressurreições, como o fazem os demais (A ressurreição de Lázaro em João 11 e a ressurreição do filho da viúva de Naim em Lucas 7). Teria Marcos omitido tais relatos de ressurreição por ter um público que não os compreenderia?

Para os ditos pagãos romanos, conforme acima informado por Fustel de Coulanges, não havia a concepção de morte, senão de que o corpo continuava a viver no túmulo. Já os cristãos, inicialmente, desenvolvem a concepção de que num dado momento, todos ressuscitarão e, posteriormente, também desenvolvem a concepção de que após a morte, a alma se desprende do corpo para habitar outra dimensão. Não se pode, neste caso, negligenciar a influência judaica na concepção cristã. O judaísmo, nos três primeiros séculos da nossa era, era formado por diversas facções. Algumas facções, como o partido dos fariseus, também já concebiam a idéia de ressurreição, antes do cristianismo. Outras, como os saduceus, não. Por isso, comparando a concepção cristã, que prevalece até os dias de hoje, com a concepção dos ditos pagãos romanos, Fustel de Coulanges informa:

Acreditava-se que o espírito subisse ao céu, para a região da luz? Também não, porque o pensamento segundo a qual as almas entravam em uma morada celeste é de época relativamente recente no Ocidente; a morada celeste era apenas considerada recompensa para alguns grandes homens e pra alguns

benfeitores da humanidade. Conforma as mais antigas crenças dos romanos e dos gregos, não era em um outro mundo que a alma ia passar essa sua segunda existência; permanecia junto dos homens, continuando a viver na terra, junto deles. (Fustel de Coulanges, 1975:11).

A importância do ritual

Mas, independentemente da concepção religiosa após a morte, fato é que as pessoas morriam. Algumas pessoas morriam como consequência de doenças, mas, no contexto do Cristianismo Primitivo, as mortes podiam ser por diversos outros motivos também, como assaltos, brigas, naufrágios e a mais famosa na história, a perseguição política que levava os cristãos para o Coliseu. Quando a morte chegava, um cuidado todo especial era necessário entre os primeiros cristãos. O corpo era criação direta de Deus, feito à sua imagem, sagrado e, como tal, jamais poderia ser abandonado.

Como parte do ritual, Daniel-Hops nos informa que no momento em que morresse, os olhos do morto deveria ser imediatamente fechado, beijado e lavado com perfumes próprios, como o nardo, a mirra e o aloés (Daniel-Hops, 2008:375). Depois disso, o corpo era envolto em uma mortalha, a face velada com o sudário e os pés e mãos ligados com faixas de linho. Depois disso, o “morto era então levado para o cômodo superior da casa, onde seus parentes e vizinhos podiam despedir-se dele pela última vez” (Daniel-Hops, 2008:376).

O corpo não era velado por muito tempo. Para Daniel-Hops, em geral, oito horas a partir do momento da morte: “num clima quente não pode haver demoras” (Daniel-Hops, 2008:376). Depois, o morto seguia para o túmulo numa espécie de liteira aberta, carregada por parentes e amigos, onde todos os passantes podiam vê-lo. Era um momento de muito barulho, porque era indecente não chorar alto: “as pessoas chegavam a alugar pranteadores profissionais (...) que lançavam gritos agudos durante todo o trajeto, e flautistas que extraíam sons tristes de seus instrumentos” (Daniel-Hops, 2008:376).

Depois de terminados os rituais fúnebres, a família se reunia para uma refeição e os amigos que não foram à cerimônia, podiam se desculpar levando seus pêsames. “O luto durava trinta dias; os três primeiros ninguém fazia qualquer trabalho, nem eram respondidos os cumprimentos recebidos na rua” (Daniel-Hops, 2008:378).

Enquanto entre os primeiros cristãos, para Daniel-Rops, a refeição era realizada entre os amigos e parentes vivos, sendo levado ao morto em sua sepultura apenas alguns perfumes, entre os ditos pagãos romanos, para Fustel de Coulanges, considerando que acreditavam que o corpo sepultava continuava vivendo, observava-se o ritual de refeição especialmente preparado para morto:

A criatura que vive debaixo da terra não se encontra tão desprendida do humano que não tenha necessidade do alimento. Por isso, em determinados dias do ano, levava-se uma refeição a cada túmulo. (...) O alimento que a família lhe levava destinava-se efetivamente ao morto, exclusivamente a este. A prova de tudo quanto afirmamos temo-la no fato de o leite e o vinho serem derramados sobre a terra do túmulo; ainda no de se cavar um buraco para fazer chegar os alimentos sólidos até o morto; e mais no de que, quando lhe imolava alguma vítima, todas as suas carnes eram queimadas para que nenhum vivo dela pudesse co-participar; no fato de se pronunciarem certas fórmulas consagradas e destinadas a convidar o morto a comer e a beber; também porque, embora toda a família assistisse à refeição, nem sequer tocava naquelas iguarias; finalmente, porque, ao retirarem-se, tomavam grande cuidado em deixar um pouco de leite e alguns doces nos vasos, considerando-se grande iniquidade quando algum ser vivo tocasse nesta pequena provisão apenas destinada às necessidades do morto. (Fustel de Coulanges, 1975:14).

Esta teoria não é compartilhada por Paul Veyne, que discorda:

Os romanos celebravam os mortos de 13 a 21 de fevereiro, quando levavam oferendas às sepulturas de seus próximos, porém não acreditavam que os mortos se alimentavam com isso, assim como não depositamos flores nos túmulos para que nossos mortos venham vê-las e aspirar seu perfume. (Veyne, 2009:198).

Se o corpo, sagrado, jamais poderia ser abandonado, para os primeiros cristãos romanos, ao contrário dos ditos pagãos, também não podia ser cremado, até porque, acreditavam na ressurreição e, também, acreditavam que uma vez carbonizado, um corpo estava impedido de ressuscitar no juízo final. Por isso, “o castigo de morrer queimado era tido como especialmente medonho, mesmo quando não aplicado ao corpo vivo, mas apenas como um castigo adicional após a execução” (Daniel-Hops, 2008:377).

Considerações finais

Não havia cemitérios para os primeiros cristãos. O que acontecia era dos mortos, comumente, serem enterrados no mesmo lugar, próximos um dos outros. Sim, enterrados. Até hoje, quem visitar a região da Palestina, poderá visitar antigos túmulos escavados no solo, muito parecido com alguns modelos de cemitérios contemporâneos. A mais comum, segundo nosso autor, era “uma espécie de caverna ou escavação, uma cripta cortada numa rocha, com um pequeno vestíbulo na entrada” (Daniel-Hops, 2008:378). É claro que o tipo de túmulo variava de acordo com a posição social. Os pobres eram, comumente, enterrados lado a lado, em pequenos túmulos, já os ricos, eram comumente sepultados em grutas trabalhadas.

Sobre as catacumbas, Ivone Raimer descreve:

Era escavado um túnel e, paralelamente à superfície, fazia-se a galeria principal. Podiam ser escavadas galerias secundárias, quando necessário, sendo ligadas à primeira por meio de corredores e escadas, o que pressupõe a existência de mais andares nas catacumbas. Nas paredes dos túneis e galerias eram escavados os *loculli*, lugares onde eram enterradas as pessoas mais pobres, sendo depositadas ali mais do que uma. (Reimer, 2010:35).

Como demonstramos, portanto, ao contrário do que comumente se propaga no senso comum, as catacumbas cristãs de Roma não foram criadas para servir de local de culto e, posteriormente, quando os cristãos passaram a realizar seus cultos nela, o fizeram por concepções religiosas, pelo fato de seus mártires estarem sepultados ali. Como foi afirmado, o culto nas catacumbas eram conhecidos da população e das autoridades.

Também, pretendemos, neste breve artigo, mostrar a descrição e a importância do ritual funerário para os primeiros cristãos, conforme Henri Daniel-Rops o descreve em sua obra, comparando com os ditos pagãos, conforme Fustel de Coulanges e Paul Veyne descreveram. No entanto, não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, até porque, é um tema para pesquisas posteriores.

Referências bibliográficas:

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7ª edição. São Paulo: Paulinas, 1980.
DANIE-HOPS, Henri. *A Vida Diária nos tempos de Jesus*. 3ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2008.
DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens*. São Paulo: Loyola, 2000.
FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. *A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma*. São Paulo, Hemus, 1975.

GONZALEZ, Justo. *E até os confins da Terra: uma História ilustrada do Cristianismo - Volume 1: A Era dos Mártires*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SCOTT, Benjamin. *As catacumbas de Roma*. Porto: Progresso, 1923.

RAIMER, Ivone Richter. “Perigo de morte e “morte vivida” no movimento de Jesus: teologia e imaginário gravados na arte das catacumbas”. *Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura*. Ano VI, n. 29. Pp. 31-44.

VEYNE, Paul. *História da Vida Privada: Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.